

A Produção Hipertextual no Ensino Superior: uma análise do uso de *blog* em uma turma de graduação

The Hypertextual Production in University Education: an analysis of *blog* in a graduation class

Leatrice Ferraz Macário*
Márcia Helena de Melo Pereira**

RESUMO: As tecnologias digitais têm se apresentado como ferramentas importantes para o estímulo à leitura, escrita e interesse dos alunos pelos temas trabalhados na sala de aula, atualmente. O *blog* educativo tem crescido significativamente no uso por professores e estudantes, para fins pedagógicos. Este trabalho tem por objetivo analisar o potencial do *blog* educativo para o favorecimento da aprendizagem de estudantes de um curso de graduação por meio da realização de uma pesquisa-ação em que constituíram como sujeitos a serem investigados dez alunos e seus respectivos *blogs*. Tendo como principais pressupostos teóricos os estudos da Linguística Textual, com Xavier (2002), Marcuschi (1999) e Koch (2009), constatamos as potencialidades do *blog* educativo como estimulador e facilitador do processo de aprendizagem, levando os alunos a um contato mais próximo dos conteúdos curriculares, através da leitura e reflexão para a escrita.

PALAVRAS-CHAVE: *Blogs*. Educação. Hipertexto. Letramento Digital.

ABSTRACT: Digital technologies have been presented as important tools to stimulate students' reading, writing, and interest in the topics currently being studied in the classroom. The educational blog has grown significantly in the use by teachers and students for pedagogical purposes. This work aims to analyze the potential of the educational blog to favor the learning of college students by creating an action research in which ten students and their respective blogs were constituted as subjects to be analyzed. Having as main theoretical assumptions the studies of Textual Linguistics, with Xavier (2002), Marcuschi (1999) and Koch (2009), we verified the potential of the educational blog as a stimulator and facilitator of the learning process, leading the students to a closer contact of the curricular contents, through reading and reflection for writing.

KEYWORDS: Blogs. Education. Hypertext. Digital Literacy.

1. Introdução

A sociedade atual passa por uma rápida transformação, parte dela proporcionada pelo avanço e impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs. Em praticamente

* Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; Docente da Faculdade de Tecnologia e Ciência e da Faculdade Mauricio de Nassau. E-mail: leaferraz@gmail.com

** Doutora em Linguística pela Universidade de Campinas – UNICAMP; Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br

todas as áreas sociais, é possível observar tal impacto, seja nos processos ou nas formas de interação. Nesse cenário, a cultura se transforma rápida e significativamente, em especial quando observa-se como as TICs potencializam novas formas de relações sociais.

Devido a essas profundas transformações no processo de produção, distribuição e consumo de conteúdos, a sociedade deixa de estar centrada nos bens físicos para se estabelecer como uma sociedade baseada em informação e conhecimento. Esse fato desloca um grande número de pessoas que, até então, limitava-se ao papel de receptores e reprodutores de conteúdo para o papel de produtores. E, ao pensarmos nas populações mais jovens, os chamados nativos digitais, esse cenário assume um outro patamar: boa parte desse grupo já se estabelece no mundo como produtor ativo de conteúdo nos mais diversos formatos.

Dito isso, é importante salientar que à escola cabe um papel importante. Ela precisa apropriar-se da responsabilidade de inserção, orientação e mediação da comunidade acadêmica nessas novas práticas sociais, promovendo a chamada Pedagogia dos Multiletramentos (ROJO; MOURA, 2012). Como indicam Teixeira e Moura (2012, p. 55), há uma necessidade atual de “(re)pensar” o letramento a partir da cultura do papel para uma coexistência com a cultura da tela e outras tecnologias para a escrita e leitura.

Como uma prática social, o letramento considera a necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas pelas instituições de ensino com o objetivo de estimular a autonomia e a capacidade crítica e reflexiva. O ambiente virtual é propício para o estímulo a essa autonomia dos estudantes e dentre os gêneros digitais que mais potencializam o letramento digital está o *blog*. No início de sua existência, os *blogs* funcionavam como diários virtuais, mas, com o passar do tempo, ganharam novas funcionalidades e tornaram-se importantes veículos de produção de conteúdo segmentado, inclusive na área da educação.

Este trabalho tem por objetivo analisar as potencialidades do uso de *blogs* em estratégias de Letramento Digital e como esta utilização favoreceu o processo de aprendizagem dos alunos de graduação. Para a realização desse estudo, estivemos inseridos no grupo pesquisado como professora da disciplina de um curso de graduação, durante um semestre letivo, com a utilização da metodologia da pesquisa-ação.

Entendemos o potencial do *blog* como estimulador da aprendizagem de estudantes do Ensino Superior, uma vez que eles estão inseridos no grupo social que tem acesso e usufrui das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs. Portanto, a escola (em todos os níveis) deve

apropriar-se da responsabilidade de inserção, orientação e mediação da comunidade acadêmica nessas novas práticas sociais. Dessa forma, é nossa intenção contribuir com a comunidade acadêmica, apresentando o *blog* como possível ferramenta didático-pedagógica relevante no processo de ensino-aprendizagem.

2. Pressupostos teóricos

Este trabalho se fundamenta, principalmente, sob os estudos acerca do hipertexto, do letramento digital e do uso de *blogs* na educação. Nesse contexto, faremos uma abordagem sobre o Hipertexto na Educação, explicando sobre o seu surgimento e como evoluiu com o desenvolvimento das próprias tecnologias digitais, posterior à apresentação de seu conceito e características a partir dos principais autores que tratam sobre esse tema, a exemplo de Pierre Levy (1993; 1999), Theodor Nelson (1993), Ingedore Koch (2009) e Antonio Carlos Xavier (2002), dentre outros. Na sequência, falaremos sobre a relação do hipertexto com o letramento digital e o papel da tecnologia para o favorecimento dos processos educativos.

Por fim, dissertaremos especificamente sobre o *blog*, analisando-o como um gênero textual e como uma possibilidade de enriquecimento dos processos de aprendizagem, potencializando uma aprendizagem ubíqua.

2.1 Hipertexto: conceito e características

Apesar de, aparentemente recente, o hipertexto é tão antigo quanto o próprio texto escrito. No entanto, o termo só surgiu na década de 1960, criado pelo pesquisador americano Theodor Nelson (1993). Pierre Levy (1999), filósofo francês e o mais famoso entusiasta do hipertexto na contemporaneidade, apresenta-o como a metáfora do mundo sem barreiras em que textos e pessoas estão ligados em um sentido que ultrapassa a técnica da informática e assume caráter social e cultural.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos, que podem, eles mesmos, ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível, porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LEVY, 1993, p. 33).

Para Levy, o hipertexto é uma “matriz de textos potenciais” (1996, p. 40) que só se realiza na interação com o outro. O que o diferencia de um texto impresso é que a não-linearidade, característica importante do hipertexto, resulta em múltiplas possibilidades de leitura, dando ao leitor certo poder na construção de sentido, equiparado ao de autor. Assim como Levy, Koch (2009, p.70) eleva o leitor de hipertextos ao patamar de coautor do texto, uma vez que, segundo ela, o hipertexto possibilita a opção de diferentes caminhos e diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema.

Para Koch, o hipertexto “constitui um suporte linguístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas” (2009, p. 63). O leitor traz das leituras de textos impressos suas competências textuais para a leitura e interpretação do hipertexto. Ao apresentá-lo como um evento textual-interativo, a autora reforça a possibilidade que o hipertexto possui de ampliar a interlocução com diversos leitores, uma vez que a conexão em rede retira a limitação de interlocutores. Sobre isso ela diz que, dentre as características do hipertexto, é relevante destacar o fato de não haver limitação do interlocutor. Qualquer um pode estabelecer a interação com o autor do hipertexto e se tornar coautor pela interação. A autora corrobora o pensamento de Marcuschi (1999) ao afirmar o caráter multilinearizado, multissequencial e não determinado do hipertexto presente em um novo cenário: o ciberespaço. Também sob a perspectiva dos estudos linguísticos, Marcuschi (1999, p. 21) define o hipertexto “como um tipo de escritura”, ou seja, para ele, é uma forma de organização cognitiva e referencial, com princípios que formam conjuntos de possibilidade estruturais que rompem padrões de linearidade em alguns níveis.

Ao caracterizar o hipertexto, Xavier (2002, p. 29) objetiva apresentar as diferenças entre texto e hipertexto a fim de demonstrar as potencialidades desse último para o processo enunciativo. Assim, para ele, o hipertexto possui as seguintes características:

- a) A imaterialidade: o hipertexto não pode ser tocado;
- b) A confluência de modos enunciativos: ao contrário do texto, o hipertexto possibilita a existência de outros tipos de textualidade, além da escrita;
- c) A não-linearidade: Xavier diferencia a questão da não-linearidade ou deslinearidade em relação ao que chama de descontinuidade. Para ele, a primeira diz respeito exclusivamente ao hipertexto, uma vez que diz respeito ao dispositivo material e não ao discurso. Já a segunda, oferece alternativas ao leitor para quebrar a linearidade da leitura em qualquer suporte de texto;
- d) A intertextualidade infinita: O hipertexto acentua a função e as vantagens da intertextualidade. Nele, os links ligam diversos textos e as “memórias discursivas” presentes, ou seja, eles conduzem instantaneamente os leitores a

qualquer tipo de conteúdo que esteja indexado à rede e, dessa forma, permitem a vinculação e associação intertextual sem fim.

Ao conceituar e caracterizar o hipertexto, Xavier (2002) o faz sob a perspectiva sociointeracionista, considerando a linguagem “uma forma de interação com o outro, na presença, ainda que virtual, de um tu que partilha a interlocução com um eu, de onde partem as ações linguísticas dirigidas ao tu que reage assumindo uma atitude responsiva ativa” (XAVIER, 2002, p. 12). Assim, no contexto da educação, o pesquisador invoca a necessidade de se pensar o letramento digital em uma “conspiração” contra a perspectiva de ensino/aprendizagem como preenchimento de espaços vazios em mentes tabula rasa. Ao contrário, o educador não pode enxergar o aluno como um simples depósito de informações a ser preenchido, mas considerar suas experiências e interações e promover, entre outros tipos de letramento, o letramento digital, nosso assunto do próximo item.

2.2 Hipertexto e o letramento digital

As profundas transformações pelas quais passam a sociedade evocam o desenvolvimento de novas práticas sociais nas mais diversas instituições. No entanto, não é raro observarmos que as escolas, em seus diferentes níveis (básico e superior), permanecem com seus modelos pedagógicos e sua estrutura rígida, na contramão do desenvolvimento tecnológico, social e cultural. Ao mesmo tempo, cresce o número de pesquisas realizadas no âmbito da educação brasileira que apresentam dados preocupantes quanto às dificuldades apresentadas por crianças e jovens relacionadas às práticas de leitura e de escrita. Nesse contexto, também tem crescido a ênfase ao incentivo das práticas de letramento como alternativa eficaz para melhoria do ambiente escolar como espaço incentivador da aprendizagem a partir da realidade do aluno.

Cagliari (2004, p. 35) afirma que não existe o certo ou o errado no uso da linguagem, mas o diferente, uma vez que a língua é dinâmica e evolui com o passar do tempo. Na instituição escolar, muitas atividades relacionadas à escrita e à leitura não apresentam significados para o estudante, uma vez que estas têm objetivos que não encontram eco nos anseios deles enquanto práticas sociais. E, considerando a realidade chamada por Levy (1999, p. 21) de a “Cibercultura”, torna-se emergente a necessidade de compreender as funções sociais da leitura e da escrita não apenas no tradicional contexto do texto impresso, mas nas mais diversas formas midiáticas, especialmente naquelas realizadas no computador, uma vez que estas têm alcançado

adesão sobre o público estudante e, mais do que isso, provocado transformações no conceito de tempo e espaço e dado acesso a um grande número de informações, democratizando as relações de compartilhamento de dados.

Torna-se urgente, portanto, repensar os espaços educativos que, na maioria dos casos, mantêm estruturas pedagógicas enraizadas em modelos tradicionais criados em tempos remotos. É preciso aprofundar os conhecimentos sobre os benefícios que o emprego das tecnologias digitais gera, em sala de aula, para estudantes e professores. Marcuschi e Xavier (2004) afirmam que “as inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua, em particular, são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo” (MARCUSCHI; XAVIER, 2004, p. 7).

Tais mudanças, como qualquer outra, provocam, em seu momento inicial, dúvidas e receios nos atores sociais que as vivenciam. Não é raro presenciarmos professores atribuindo ao computador a culpa do descaso à leitura pelos alunos, ou ainda os acusarem de deslumbramento pela tela em detrimento do papel. Ribeiro (2008) afirma que “leitores habilidosos compreendem textos, estejam eles no papel ou na tela, muito embora seus gestos de leitura possam passar por mudanças, leves ou incisivas” (RIBEIRO, 2008, p. 17). E é nesse contexto que a questão do Letramento Digital tem ascendido em importância nas pesquisas científicas a fim de responder aos questionamentos sobre sua eficácia para os processos de aprendizagem, mais especificamente quanto à leitura e escrita.

Kleiman (1995) afirma que “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). Sob esta análise, o Letramento constitui as práticas sociais de leitura e escrita presentes em eventos e suas consequências para a sociedade.

Para Soares (1998), o letramento caracteriza-se como o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais da leitura e escrita, de quem participa de eventos em que a escrita está inserida nos eventos de interação social e do processo de interpretação dessa interação. A autora enfatiza que os eventos são fundamentais para a prática do letramento, mas também afirma que há dificuldade de delimitar com precisão um conceito universal para o termo e isso “[...] deve-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto,

sutilezas, complexidades difíceis de serem contempladas numa única definição” (SOARES, 1998, p. 66).

Assim, fica claro que o letramento está relacionado aos usos efetivos que as pessoas fazem da alfabetização a que foram submetidas, mas, mesmo naqueles que não a tiveram, é possível verificar a existência de pessoas letradas a partir das experiências de letramento a que foram submetidas.

Nesse contexto, o trabalho do professor se altera, bem como os recursos pedagógicos que utiliza. Torna-se necessária portanto, a oferta de autonomia ao professor para que ele selecione os materiais e, a partir do conhecimento das realidades em que seus alunos estão inseridos, implemente a didática e os conteúdos mais adequados. Em um cenário social globalizado, em que os indivíduos estão cada vez mais expostos a uma superinformação, mas paradoxalmente, também em uma sociedade da subinformação (MORIN, 1996, p. 176), há a necessidade de proporcionar aos alunos a capacidade de receber, hierarquizar e organizar todo esse turbilhão a que está submetido a fim de construir e gerar conhecimento para a formação do saber coletivo. Ou, como apresenta Levy (1993, p. 07), as tecnologias possibilitariam a formação de uma inteligência coletiva, pois engendram um novo modo de pensar o mundo, de entender a aprendizagem e as relações com esse mundo.

Em todo esse universo hipermidiático, a educação assume um papel de extrema importância. A escola não pode estar à parte da sociedade em rede (CASTELLS, 1999, p. 15), mas inserida nela, como os jovens estão. Caso contrário, corre-se o risco destes jovens substituírem a escola por outras fontes de instrução. Ramal (2002, p. 21) propõe uma cibereducação integradora, em que a escola se torna híbrida, integrando aluno e tecnologia. A tecnologia, ao ser inserida no contexto da educação, traz novos desafios, mas também possibilidades de grandes resultados. Um deles é o desenvolvimento da autonomia do aluno, na medida em que o uso de ferramentas digitais, sob orientação do docente, possibilita que ele busque e construa seu conhecimento. Paulo Freire (1996, p. 21) afirma que o ensino não é transferência de conhecimento e que a educação é uma das mais ricas experiências humanas. Em sua obra de 1996, intitulada *Pedagogia da Autonomia*, o autor indica possibilidades aos educadores para que se estabeleçam novas condições de educabilidade. O estudante deve assumir desde o início o seu processo de aprendizagem como sujeito de sua formação, participando efetivamente da construção coletiva que é a educação, juntamente com o docente (FREIRE, 1996, p. 25).

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a serenidade. (FREIRE, 1996, p. 13)

Sob essa perspectiva do estímulo à autonomia discente na construção do conhecimento, é importante refletir sobre as novas possibilidades da ação pedagógica com a língua escrita, no sentido de se repensarem metodologias de trabalho que favoreçam a formação de sujeitos letrados. Tal prática, deve ser norteadada pelo rigor metodológico, mas como enfatiza Freire (1996, p. 14), esse rigor nada tem a ver com o “discurso bancário” e sim com uma prática que implique na “presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (FREIRE, 1996, p. 14).

Nesse sentido, é importante levar em consideração o caráter dialógico da linguagem. Segundo Bakhtin (1997, p. 282-283), toda enunciação humana se dá na enunciação, por meio dos gêneros discursivos. O autor defende que os gêneros são parte da vida quanto a própria língua, uma vez que tanto os gêneros quanto a língua nos são dados espontaneamente no contexto comunicativo diário. O autor explica que:

Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas. Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas) (BAKHTIN, 2003, p. 283).

Nessa linha de pensamento, a comunicação humana só acontece por meio dos gêneros discursivos, que, na interação entre os indivíduos, dão vida à língua. Todo enunciado (oral ou escrito) traz em si características peculiares às situações de comunicação, pois eles estão relacionados a alguma esfera/campo de atividade humana – jurídica, jornalística, religiosa etc. Essas esferas elaboram seus tipos relativamente estáveis de enunciados aos quais Bakhtin (1997, p. 284) denominou gêneros do discurso. Os gêneros refletem as características e apontam as finalidades de cada esfera a partir do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional do enunciado.

As novas tecnologias, especialmente as ligadas ao contexto social das tecnologias digitais, tem propiciado o surgimento de novos gêneros. Eles fazem parte de uma rede prioritariamente de textos escritos. Por esse motivo, dependem da formação de sujeitos letrados ou que se letrem no contexto da virtualidade com a variedade de suportes sociais de escrita, desde os mais tradicionais aos mais novos. (GOULART, 2011, p. 55).

É nesse contexto que se torna necessário conceituar Letramento Digital. Xavier (2007a) apresenta o termo como a realização de práticas de leitura e escrita diferente das formas tradicionais de letramento e alfabetização: “ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos” (p. 02). Em sua tese de doutoramento, Xavier (2002) enfatiza que, à revelia das tradicionais organizações burocráticas de ensino, o jovem encontra novos espaços de aprendizagem capazes de saciar a sede de conhecimento própria da idade, conforme salienta, abaixo:

Da geração digital surgem as comunidades virtuais. Verdadeiros nichos para onde convergem aprendizes insatisfeitos e pessoas comuns convertidas em autodidatas pela urgente necessidade de aprender imposta pelas exigências contemporâneas. Tais pessoas realizam intensas trocas de informações na rede, ensinam e aprendem mutuamente uns com os outros. Pondo em funcionamento um processo ininterrupto de geração de novos saberes resultantes dessa efervescente confluência de conhecimentos e experiências derivadas de gente comum e/ou instituições de orientação não tradicional. (XAVIER, 2002, p. 54).

O Letramento Digital está presente em uma série de situações de comunicação inovadoras e recentes que têm ganhado grande importância social. As possibilidades provenientes da Web 2.0 para a Educação são muitas. O hipertexto, pelo seu caráter multimodal, pode ser uma ferramenta de aprendizagem para os estudantes de graduação, transferindo a eles a corresponsabilidade, a autonomia e a produção textual. Para Marcuschi e Xavier (2004), as produções hipertextuais exigem novas competências, geram eventos de letramentos novos e demandam gêneros próprios. Segundo os autores, “as condições sociais, culturais e tecnológicas estão se apresentando rapidamente como favoráveis à necessidade da aquisição do letramento digital”. O letramento digital se apresenta na sociedade contemporânea como uma necessidade educacional e urgente. Ribeiro (2008) reforça que:

Para alcançar algum grau de letramento digital, as pessoas precisam aprender ações que vão desde gestos e o uso de periféricos da máquina até a leitura dos gêneros de texto que são publicados em ambientes on-line e expostos pelo

monitor. Por exemplo: sites podem conter crônicas, anúncios de emprego, anúncios publicitários, notícias, reportagens, ensaios, resumos de artigos científicos, os próprios artigos, etc. Em muitos casos, a diferença entre as novas mídias e os livros, por exemplo, é que impressos são mídias unplugged, off-line. (RIBEIRO, 2008, p. 40).

Dessa forma, no ambiente educacional, o letramento digital amplia significativamente a potencialidade de aprendizagem através do uso de recursos tecnológicos digitais, especialmente através do hipertexto. Mas o letramento digital vai além do desenvolvimento de habilidades técnicas para uso de equipamentos e recursos tecnológicos. É preciso que o indivíduo desenvolva habilidades de análise crítica e tenha participação ativa nos processos de interação mediados por tecnologias digitais. E essa interação exige dos interlocutores não só referentes ligados à cultura digital, mas também a outros aspectos da cultura humana.

2.3 O Blog na Prática Pedagógica

As novas práticas sociais requerem novas práticas de letramento, como já dissemos na seção anterior, e requerem que alunos e professores sejam flexíveis para se ajustarem a essas novas dinâmicas. Essa necessidade fica muito evidente quando o trabalho pedagógico é desenvolvido com alunos de graduação, pois eles fazem parte da geração de nativos digitais que encontram na web as fontes de informação e entretenimento, dedicando boa parte das horas de seu dia à navegação na internet. As metodologias hoje aplicadas, como as tradicionais aulas expositivas, não conseguem, na maior parte das vezes, valorizar a absorção e produção do conhecimento a fim de formar cidadãos com autonomia para construir relações profissionais sólidas e atuar no mundo de maneira ativa.

O uso de tecnologias como ferramentas de auxílio às práticas pedagógicas favorece o processo de uma aprendizagem ubíqua, centrada na pedagogia construtivista, na qual o foco do processo é o aprendiz e não o professor. Para Santaella (2003, p. 41), ela é caracterizada por estar disponível a qualquer momento, sendo que qualquer curiosidade pode ser saciada pelo acesso aos dispositivos móveis conectados em rede, fazendo com que essa informação se transforme em aprendizagem quando incorporada a outros usos. Santos (2002) corrobora com essa ideia afirmando que

A noção de espaço de aprendizagem vai além dos limites do conceito de espaço/lugar. Com a emergência da “sociedade em rede”, novos espaços digitais e virtuais de aprendizagem vêm se estabelecendo a partir do acesso e

do uso criativo das novas tecnologias da comunicação e da informação. Novas relações com o saber vão se instituindo num processo híbrido entre o homem e máquina, tecendo teias complexas de relacionamentos com o mundo. (SANTOS, 2002, p. 121).

Nesse sentido, os *blogs* educativos emergem como espaços propícios para uma promoção de aprendizagem ubíqua, estimulando os estudantes a buscarem e produzirem conhecimento para além do espaço físico da sala de aula.

Sob esse ponto de vista, os *blogs* têm se transformado em plataformas para partilha tanto do conhecimento sistematizado (explícito) quanto do conhecimento não sistematizado (tácito). É o que Gibbons et al. (1994, p. 134) chamam de conhecimento socialmente distribuído. Esse conhecimento é cumulativo, colaborativo, compartilhável e, portanto, um bem público.

Johnson (1992, p. 127) já afirmava que o conhecimento é sempre gerado em negociação contínua e não será produzido até que os interesses das várias partes interessadas estejam incluídos e descreve tipos de aprendizagem, de acordo com o aumento do grau de interação. Considerando a lógica do uso de um *blog* para fins educacionais, é possível relacionar essa tipologia à educação, pois, com os *blogs* podemos:

- a) Aprender fazendo: No *blog*, a dinâmica de tentativa e erro está sempre presente. Não há uma profissão regulamentada de *blogueiro*, mas o exercício constante da escrita em *blogs* gera a familiaridade com o uso do ambiente e também a aquisição de novos conhecimentos. Tal processo estimula a autonomia dos estudantes para ser o protagonista de seu processo de formação;
- b) Aprender a interagir – Essa é uma das principais qualidades proporcionada pelo *blog*, que oferece a possibilidade da troca de ideias entre os internautas;
- c) Saber procurar – Para a escrita em *blogs*, muitas vezes é necessária a pesquisa de informações do assunto sobre o qual se pretende escrever. Essa busca, seleção e adaptação terminam estendendo-se ao conhecimento de quem participa desse processo;
- d) Compartilhamento de aprendizagem – O co-processo de troca de experiências permite que aqueles que interagem na *blogosfera* participem de uma aprendizagem colaborativa.

Também para Xavier (2007b, p. 13), as tecnologias digitais influenciam significativamente o processo de ensino/aprendizagem e, cada vez mais frequentemente, os docentes têm feito uso dessas tecnologias. O *blog* educacional é apresentado por Carvalho e outros (2006, p. 637) como um espaço eletrônico individual ou coletivo próprio para a partilha de informações, ideias, opiniões, materiais e referências.

Além das vantagens relacionadas ao aprendizado, o uso do *blog* para a prática pedagógica é favorecido pela familiaridade com a qual a maioria dos alunos tem quanto à criação, produção e leitura. Esses alunos fazem parte da chamada geração de nativos digitais, formada por jovens com idade em torno de 19 anos, nascida em um mundo conectado e já adota, em seu dia a dia, o comportamento de aprendizagem ubíqua. De acordo com Recuero (2003):

Os *blogs* trazem a construção de uma rede de relações, construções e significados. O leitor de um texto, por exemplo, é convidado a verificar a sua fonte (através de um link), observar a discussão em torno do assunto (através dos comentários), é convidado a ler outros textos que tratam do mesmo assunto em outros *blogs* e pode, inclusive, fazer suas próprias relações através da participação ativa como comentarista ou como *blogueiro*, em seu próprio *blog*. (RECUERO, 2003, p. 57).

Ao ser inserido na prática pedagógica, com objetivos claros, o *blog* pode ser um grande aliado para a ação educativa do professor. Como afirmam Soares e Almeida (2005),

um ambiente de aprendizagem pode ser concebido de forma a romper com as práticas usuais e tradicionais de ensino-aprendizagem como transmissão e passividade do aluno e possibilitar a construção de uma cultura informatizada e um saber cooperativo, onde a interação e a comunicação são fontes da construção da aprendizagem. (SOARES; ALMEIDA, 2005, p. 03)

Em modelos pedagógicos tradicionais, o aluno contemporâneo tem se comportado de forma passiva, afastando-se do professor e do conteúdo ministrado por não reconhecer a linguagem, a postura, e a cena de uma aula. Vigotsky (1989, p. 37) já afirmava, no século passado, que a aprendizagem se faz em rede, a partir da interação e das relações praticadas nos diversos ambientes sociais. Sob essa perspectiva, Bakhtin (1997, p. 181) entende a linguagem como atividade de comunicação nas relações humanas, que se concretiza nas práticas sociais. Suas ideias têm contribuído para a criação de novas sistematizações e abordagens de ensino, dentre as quais as práticas de letramento, já discutidas neste artigo. Dito isto, é possível identificar o *blog* como esse ambiente capaz de oferecer aos seus usuários a participação livre em seus processos, assim como também adicionar e distribuir conteúdo. Essa interatividade estimula a criatividade e oferece a possibilidade de geração de conteúdo coletivamente, bem como a criação, promoção e intercâmbio de conhecimento.

O *blog* educacional, também chamado por alguns de *Edublog*, é um espaço eletrônico individual ou coletivo criado com o objetivo de se partilhar informações, ideias, opiniões,

materiais e referências. Esse gênero pode ser adotado pelo professor e/ou aluno com fins pedagógicos previamente estabelecidos, aplicados tanto para a Educação Básica quanto para a Superior. As vantagens de seu uso são inúmeras e podemos relatar, aqui, algumas das mais significativas apresentadas por Silva (2009, p. 38):

- O *blog* educacional é fácil de ser utilizado, pois não é necessário ao autor deter o conhecimento sobre linguagem de programação;
- Sua publicação é rápida. Isso possibilita que determinado conteúdo seja compartilhado com os internautas sem a limitação do espaço da sala de aula. Não há necessidade de se esperar a próxima aula para apresentar determinado conteúdo. O aluno publica seu texto no momento em que escreve e pode interagir com seus leitores a qualquer tempo;
- Seu uso possibilita a aprendizagem coletiva, através dos seus mecanismos de interação virtual;
- O *blog* educacional serve como um repositório de conhecimento;

Enquanto a inserção dos *blogs* nos ambientes educativos ainda é rara, resultado do desconhecimento e/ou desinteresse de parte dos professores, os jovens estudantes estão familiarizados com sua escrita e leitura e, mais do que isso, levam tempo dedicando-se à atualização dessas páginas on-line. Mas Moran (2009, p. 25), de maneira positiva, indica que os professores têm se tornado mais abertos ao uso dos *blogs* em suas práticas docentes, principalmente por permitir um processo educativo com mais interação e participação dos alunos. Assim também pensa Xavier (2007a, p. 03), que enfatiza que o professor consciente dessa realidade virtual já compreendeu que seu papel está muito mais centrado em ser pesquisador e não repetidor de informação, articulador do saber e não fornecedor de conhecimento, gestor de aprendizagens e não um mero instrutor de regras, consultor que sugere e não um chefe autoritário que manda e, por fim, um motivador da aprendizagem pela descoberta e não um rígido avaliador de conteúdos.

Sendo assim, os *blogs* podem ser utilizados para diversos fins pedagógicos, dentre os quais podemos sugerir a seguinte categorização:

- *Blog* do professor – utilizado para que o docente publique notícias sobre os assuntos trabalhados na disciplina, além de compartilhar exercícios, textos, calendário, etc;
- *Blog* individual do aluno – em que publica posts relacionados ao tema e conteúdos abordados em sala de aula;
- *Blog* coletivo de grupo de estudantes – Coletivamente, o grupo planeja, cria e escreve sobre as temáticas trabalhadas em sala de aula.

Obviamente não podemos negar o fato de que em outras estratégias de ensino¹ é possível verificar ações e resultados semelhantes aos que serão descritos neste artigo, mas com o *blog*, o professor envolve o aluno a participar ativamente do processo de letramento digital, aproveitando-se da sua familiaridade e interesse pelos recursos digitais. Além disso, o processo de produção de conteúdo constante a que está inserido leva esse aluno à interação com um universo maior de leitores que podem encontrar seu *blog* na web.

3. Metodologia

Ao longo de um semestre letivo, desenvolvemos atividades de pesquisa com uma turma de graduação e optamos pela realização de uma pesquisa-ação², que se constituiu na criação e manutenção de *blogs* educativos. Nosso estudo é fruto de uma longa experiência com o uso de *blogs* em sala de aula, para alunos de graduação. Durante os anos em que usamos o *blog* de diferentes formas (*blog* do professor, *blog* de grupos de alunos, *blogs* individuais), para fins educativos, percebemos o maior envolvimento do aluno com as respectivas disciplinas e isso nos fez levantar hipóteses acerca do uso para o processo de aprendizagem de alunos de graduação. Tais hipóteses transformaram-se em objeto de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. As ações relacionadas à pesquisa foram desenvolvidas com os trinta e três alunos matriculados na disciplina Sistemas Multimídia e Hipermídia, do curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Tecnologia e Ciências, localizada em Vitória da Conquista – BA, no semestre letivo 2014.2, sob nossa orientação como professora. No entanto, é importante ressaltar que, para efeito de análise de dados, foi escolhida uma amostra aleatória³ de dez alunos que desenvolveram seus *blogs* educativos individuais.

Uma pesquisa-ação desenvolvida em uma sala de aula de graduação envolve um alto grau de complexidade e, por isso mesmo, essa atividade exigiu um grande esforço metodológico

¹ Como as tradicionais redações de textos escritos manualmente sobre temáticas estabelecidas pelo professor, ou ainda os trabalhos em grupo para fins de apresentação de seminários, entre outras.

² A pesquisa-ação consiste em “investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLENTT apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 40).

³ Os alunos foram escolhidos aleatoriamente no início do semestre, antes do começo das atividades de pesquisa, em que, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, aceitaram participar da investigação. A definição da amostra antes da produção dos *blogs* objetivou uma escolha com maior neutralidade a fim de se evitar intencionalidades quanto à qualidade do conteúdo produzido pelos alunos.

na compreensão da multiplicidade das relações sociais envolvidas. A interpretação dos dados resultantes se deu a partir do suporte de diversas fontes teóricas e práticas, tal como apresentados nos pressupostos teóricos.

Como procedimentos metodológicos, lançamos mão da abordagem netnográfica, de caráter qualitativo, e também da pesquisa de campo com aplicação de questionário semiestruturado aos alunos, de caráter quantitativo.

A pesquisa foi realizada nas etapas descritas a seguir:

Pesquisa exploratória: Foi iniciada com a escolha do objeto a ser investigado e elaboração do projeto de pesquisa, o qual foi encaminhado para o Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, para sua aprovação. A partir daí, deu-se a realização de um profundo levantamento bibliográfico e, concomitantemente, iniciamos as atividades de investigação em sala de aula;

Opção metodológica pela Netnografia: A netnografia é um conceito de Robert Kosinets (1998) para as pesquisas qualitativas realizadas no ambiente online. Ela apresenta um contexto de pesquisa mediado por ferramentas e ambientes virtuais nos quais os dados ali disponíveis devem ser organizados pelo pesquisador. Na nossa pesquisa, tanto a produção textual dos alunos, quanto a coleta e análise dos dados foram feitas a partir do uso de um ambiente online, o *blog*. Por esse motivo, o método de investigação pode ser considerado netnografia.

Criação dos *blogs*: Os alunos foram orientados, no início do semestre, a criarem individualmente seus *blogs* na plataforma Wordpress⁴. Lá, eles deveriam definir o nome dos seus *blogs*, endereço e identidade visual. Os alunos foram orientados sobre o que deveriam produzir nesses espaços virtuais. Descobriram, através dessas orientações iniciais, que o *blog* seria um espaço de produção de conteúdos reflexivos sobre os assuntos ministrados nas aulas, mas também um espaço de criação autônoma. A seguir, detalharemos o processo de produção de conteúdo;

⁴ <http://www.wordpress.com.br>

Produção de conteúdo: Ao longo do semestre, à medida em que os conteúdos curriculares eram ministrados, os alunos eram solicitados a aprofundarem a leitura acerca dos temas e produzirem posts sobre eles para seus respectivos *blogs*. Essa dinâmica acontecia da seguinte forma:

- a) A aula era ministrada na sexta-feira pela professora, em sala de aula, e para cada conteúdo indicava uma bibliografia para leitura em casa durante a semana correspondente;
- b) O aluno fazia a leitura;
- c) Produção e postagem de hipertexto crítico-reflexivo acerca do conteúdo até a próxima sexta-feira, em horário anterior ao início da aula;
- d) Postagem do link do texto no grupo da disciplina presente na rede social Facebook, a fim de convidar os colegas a interagirem em seu *blog*;
- f) Visitação dos *blogs* dos colegas com intuito de gerar a leitura e a interatividade;
- g) Retorno das discussões para a sala de aula: em cada aula, alguns alunos eram convidados a lerem e comentarem seus posts em sala e a professora fazia as devidas correções e orientações.

Coleta de dados: Foram duas as etapas de investigação: na primeira, os dados foram coletados diretamente dos *blogs* dos alunos, identificando-os a partir das variáveis de análise; na segunda fase, foi aplicado um questionário semi-estruturado, através da ferramenta de formulário do Google Drive, própria para realização de pesquisas. O acesso a este formulário foi feito através do envio do link para que os alunos respondessem de maneira anônima. Dessa forma, acreditamos que a ausência da professora no ato da aplicação da entrevista deixou o aluno mais à vontade para emitir sua verdadeira opinião acerca das questões levantadas sem a pressão relacionada à relação de autoridade existente entre professor e aluno.

Análise dos dados: Assim como a coleta de dados, a análise também envolveu duas etapas bem distintas. Na primeira etapa, a análise dos dados referiu-se às produções dos alunos nos *blogs* — um trabalho complexo e de base qualitativa. Na segunda etapa, já no final do semestre e antes do encerramento das atividades curriculares, aplicamos uma entrevista, cujos dados foram tabulados quantitativamente e analisados. Estes foram, por fim, relacionados com os resultados das produções hipertextuais apresentadas nos *blogs*.

4. Resultados

Visando atender ao objetivo geral dessa investigação, que é verificar o potencial do *blog* como contribuidor para o processo de aprendizagem de alunos de graduação, promoveremos uma discussão à luz dos teóricos que embasam esse trabalho.

Os alunos criaram tanto conteúdos pré-determinados pela docente, quanto criados/produzidos de forma autônoma. Ao longo do semestre, seis dos temas que foram trabalhados na disciplina deveriam ser alvo de uma reflexão crítica dos alunos para a produção dos hipertextos para seus *blogs*. Os alunos não receberam limitações quanto ao tamanho ou formato do texto, mas deveriam abordar as temáticas solicitadas, quais sejam:

- A Sociedade em rede;
- O que é a web?
- O que é o virtual?
- Comunicação e o marketing na cibercultura;
- Redes sociais;
- A publicidade nas redes sociais.

Atendendo a Resolução CNS5 466 (BRASIL, 2012), que rege que “as pesquisas envolvendo seres humanos devem atender aos fundamentos éticos e científicos pertinentes” (BRASIL, 2012, p. 01), primaremos veementemente pelo respeito à dignidade dos alunos e, dessa forma, suas identidades serão preservadas. Cada aluno será apresentado por um código, vinculado ao seu *blog*, a saber:

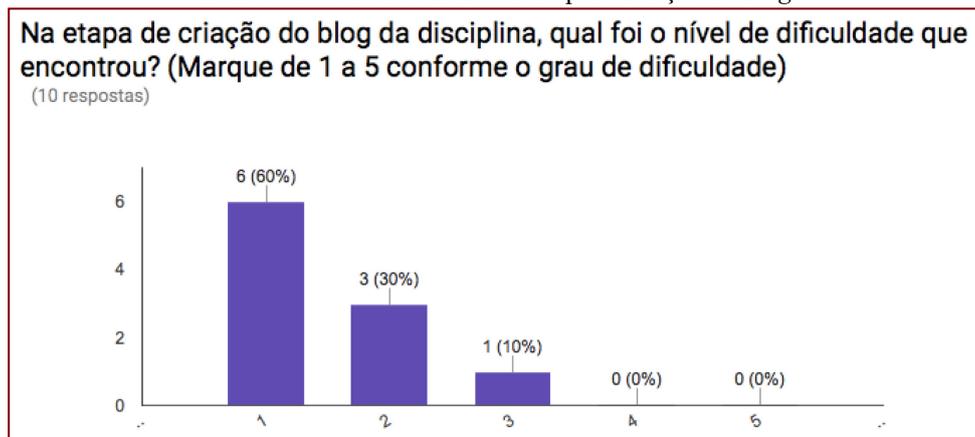
- Aluno 1 – *Blog* The Expedition;
- Aluno 2 – *Blog* Media's rising;
- Aluno 3 – *Blog* Pinguim Sertanejo;
- Aluno 4 – *Blog* Comunicadores de Primeira Viagem;
- Aluno 5 – *Blog* Conexão Publicitária;
- Aluno 6 – *Blog* Espaço 201;
- Aluno 7 – *Blog* Linkar;
- Aluno 8 – *Blog* Agora Sou Publicitário;
- Aluno 9 – *Blog* Caverna Informacional;
- Aluno 10 – *Blog* Garota Publicitária.

⁵ Conselho Nacional de Saúde, ligado ao Ministério da Saúde do Governo Federal.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na criação dos *blogs* na plataforma Wordpress e, na entrevista realizada, cujos resultados apontam que 60% dos alunos não haviam tido a experiência como *blogueiros*, anteriormente à oportunidade ofertada pela disciplina, enquanto que 40%, correspondendo a quatro alunos, indicaram já terem tido *blogs*.

Tanto esse dado como a própria facilidade proporcionada pelo Wordpress nos leva a entender o resultado apresentado no gráfico 01, a seguir:

Gráfico 01 – Nível de Dificuldade para Criação do *Blog*.



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Considerando que o nível 1 corresponde ao nível mais baixo de dificuldade, percebemos que 60% dos alunos indicaram muita facilidade na criação de suas páginas, ou seja, além dos 40% que já tiveram experiências anteriores com *blogs*, mais 20% também conseguiram navegar tranquilamente pelo Wordpress. 30% indicaram o nível 2, ou seja, baixa dificuldade e correspondendo à parte dos que nunca haviam tido a experiência com a ferramenta, assim como também o aluno que indicou o nível 3. Ninguém apresentou um alto nível de dificuldade em criar o seu *blog*.

Pelo resultado apresentado em nossa investigação, entendemos que o *blog* educativo se apresenta como uma possibilidade didático-pedagógica valorosa, uma vez que mantém os alunos vinculados aos conteúdos curriculares por mais tempo. Nossa pesquisa identificou que esse contato mais próximo com os temas que estavam sendo trabalhados em sala de aula trouxe benefícios tanto do ponto de vista da professora quanto dos próprios alunos. Esses benefícios puderam ser percebidos pelos dados demonstrados aqui e que detalharemos a partir de agora.

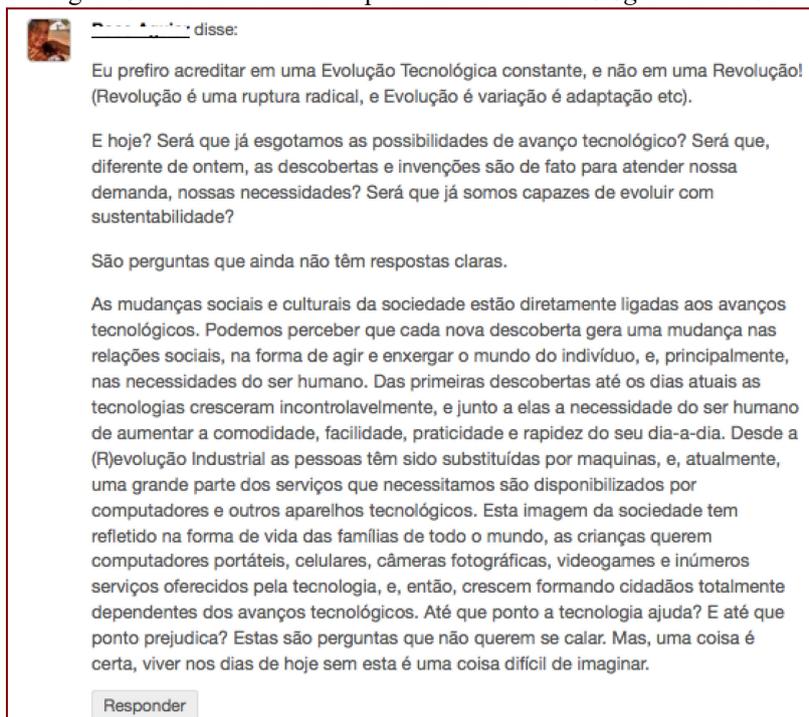
O primeiro aspecto que podemos salientar como diferencial dessa experiência pedagógica é que, diferentemente do que ocorre na maioria dos casos em que se utiliza *blogs*

educativos, na nossa pesquisa cada um dos alunos criou sua própria página virtual e gerou sobre ela o sentimento de pertencimento e responsabilidade. Foram cinco meses de envolvimento e dedicação por parte dos alunos à manutenção de seus *blogs*.

Ao menos uma vez por semana entraram, leram e escreveram nos *blogs*, e esse contato frequente e individualizado aproximou, por consequência, os alunos, da própria disciplina e de seus conteúdos curriculares. Consideramos, ainda, que o *blog* é capaz de servir para o favorecimento do aprendizado dos assuntos ministrados na disciplina, possuindo potencial de ser um espaço de aprendizagem através da linguagem hipertextual caracterizada pela interatividade, não-linearidade, multimídia e demais características apresentadas por Levy (1996), Marcuschi (1999) e Xavier (2002).

A interatividade é uma das principais características das mídias sociais e, para Silva (2009, p.33), ela se caracteriza pelo modo dialógico com que os usuários interagem uns com os outros. Barros e Carvalho (2011) enfatizam que “a possibilidade de interagir, através das ferramentas tecnológicas, implica rever todos os papéis dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem e como também a metodologia utilizada para a promoção dessa aprendizagem” (BARROS; CARVALHO, 2011, p. 218).

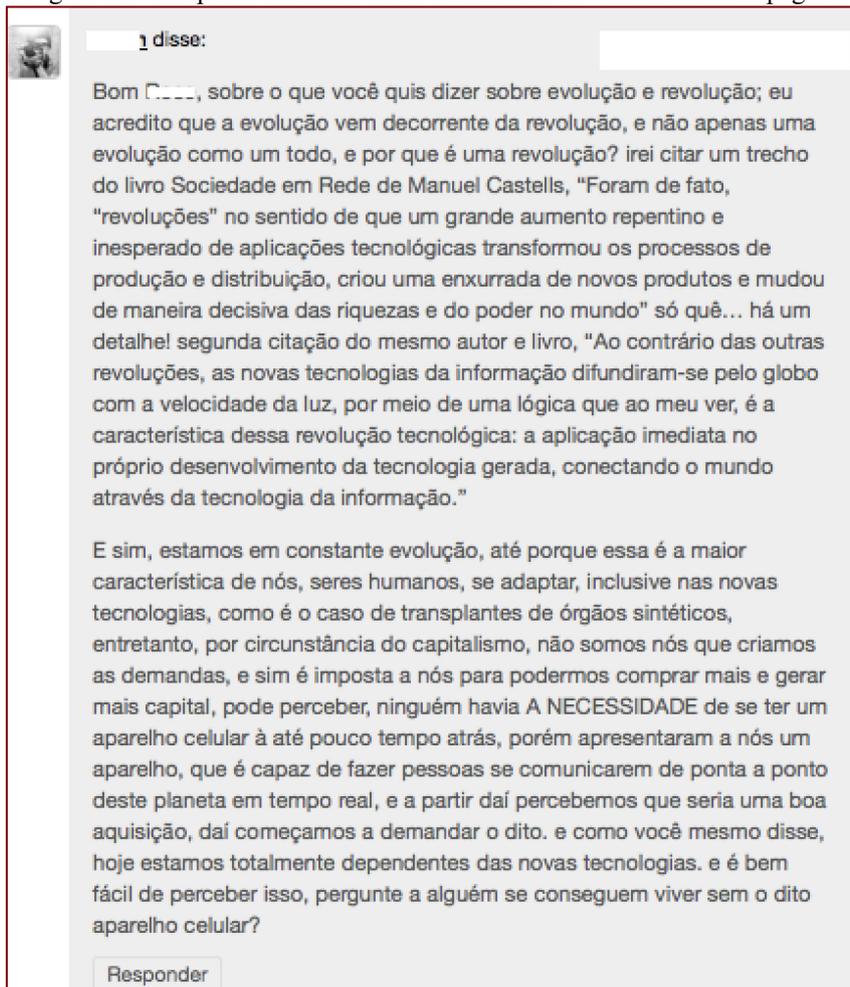
Com o uso da tecnologia, o ambiente de aprendizagem se amplia para além da sala de aula e os espaços de discussão possibilitam ao aluno assumir a autonomia sobre seu processo de aprendizagem. Na figura 01, temos um exemplo de interação que possibilitou ao aluno retornar ao texto e continuar as reflexões sobre o tema quando um visitante externo, que não está entre o público formado pela professora e alunos da turma, vem ao *blog* para ler e comentar:

Figura 01 – Comentário feito por uma visitante ao *blog* do Aluno 02

Fonte: <https://midiarising.wordpress.com/>

Não sabemos quem é o visitante e também não sabemos se o Aluno 02 o conhece, mas podemos afirmar que ele não possui vínculo com o mesmo curso do aluno. No entanto, traz em seu comentário uma discussão pertinente, que leva o Aluno 02 a retornar ao seu *blog* para interagir com seu interlocutor e, ao interagir, permanece no processo de aprendizagem relacionado ao tema em questão. Na figura 02 apresentamos a resposta do aluno ao internauta que interage com ele:

Figura 02 – Resposta do Aluno 02 ao comentário do visitante de sua página.



Fonte: <https://midiarising.wordpress.com/>

Ao dialogar com o internauta, o aluno revisita seu texto, reflete sobre ele para encontrar os argumentos necessários para transformar o comentário em um diálogo. E a riqueza do diálogo apresentado nas figuras 01 e 02 potencializa a aprendizagem em um processo contínuo.

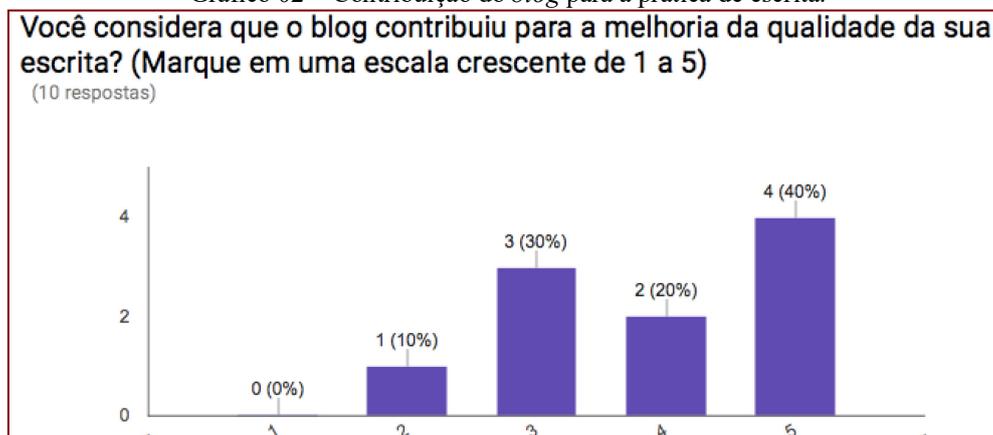
Nesse sentido, Bakhtin (1997, p. 355) apresenta o homem em permanente interação com os seus semelhantes através da linguagem e a escrita é apresentada como a transcrição codificada das vozes, possibilitando a transmissão dos sentidos dos diálogos. O autor ainda enfatiza que a própria existência humana está vinculada à comunicação dialógica e que a escrita é o percurso capaz de traduzir a voz humana, uma vez que ela é a portadora dos sentidos da existência, tanto sob o ponto de vista da estilística quanto da semântica. Nas palavras de Bakhtin, “vivo em um mundo povoado de palavras alheias. E toda a minha vida, então, não é senão a orientação no mundo das palavras alheias, desde assimilá-las, no processo de aquisição da fala, e até apropriar-me de todos os tesouros da cultural” (BAKHTIN, 1997, p. 347-348). As

vozes citadas por Bakhtin são as responsáveis pela construção do sentido e incitam a respostas e ao encontro do outro.

O *blog*, por suas características de gênero e linguagem hipertextual, favorece a didática do professor, a participação efetiva do estudante em seu processo de formação e a interação com outros agentes que não poderiam se inserir em outro contexto sem o uso da web.

Uma outra potencialidade do uso do *blog* na educação é o estímulo à prática da escrita. Entendemos que a leitura e a escrita são atividades essenciais ao desenvolvimento e formação do indivíduo e, como afirma Soares (2009, p. 70), a escrita "é um processo de relacionar unidades de som a símbolos escritos, e é também um processo de expressar ideias e organizar o pensamento em língua escrita". Essa organização do pensamento é capaz de, de maneira processual e associada à leitura, promover o desenvolvimento da própria escrita. Miller (1998, p. 33-35) enfatiza que o ato de escrever eleva a necessidade de se produzir um texto que faça sentido para o leitor e, quando este coloca-se diante de um texto, busca extrair sentido dele. Na nossa pesquisa, certamente não é possível afirmar que houve a melhora expressiva na qualidade da escrita, uma vez que o tempo de um semestre letivo não torna possível uma alteração tão profunda ao ponto de ser constatada. Além disso, esse não foi o propósito de pesquisa, mas é possível afirmar que a dinâmica envolvendo a escrita semanal dos *blogs* possibilitou aos alunos um contato maior com o ato de escrever, uma vez que, ao longo do semestre, eles tiveram a oportunidade de produzir, pelo menos, seis textos, sendo um de apresentação do *blog* e cinco referentes ao conteúdo semanal, além daqueles escritos por iniciativa do próprio aluno. Essa escrita periódica gerou no estudante uma percepção de melhoria da qualidade da escrita como foi evidenciado pelo gráfico 02:

Gráfico 02 – Contribuição do *blog* para a prática de escrita.



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

O gráfico demonstra que 60% dos alunos afirmaram perceber melhoria em sua escrita a partir da experiência de escrita constante no *blog*. No entanto, a partir desses resultados, não conseguimos concluir que, em apenas um semestre, o *blog* tenha sido capaz de provocar tal melhoria, mas o resultado indica tal potencialidade caso tivesse sido utilizado em mais de uma disciplina, de forma sistemática.

Quanto à aprendizagem dos conteúdos curriculares, o *blog* se apresenta com grande potencial de favorecimento, mediante o método que aplicamos na experiência investigada. Nossa pesquisa demonstrou que o *blog* se insere em ações pedagógicas que, em conjunto, possibilitaram ao aluno alcançar os objetivos estabelecidos para a disciplina. Esse conjunto formado pela aula em sala de aula, a leitura da referência bibliográfica, a escrita no *blog* e a interação, faziam com que o aluno se mantivesse ligado ao conteúdo não somente por mais tempo, mas também com uma maior profundidade contribuindo para a melhoria das condições de aprendizagem. Como já afirmado, o *blog* não se basta como recurso pedagógico, mas se insere no contexto educacional como um gênero capaz de enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Ao todo, foram solicitados cinquenta textos, considerando os cinco temas dos dez alunos. Foram produzidos quarenta e quatro textos por solicitação docente e mais dez de maneira autônoma. Dos quarenta e quatro posts solicitados, 100% atenderam adequadamente ao tema proposto; 65,9% foram produzidos com uma reflexão crítica que atendia à expectativa docente para a discussão a partir dos textos-base; 22,7% atenderam parcialmente e 11,4% não atenderam à expectativa quanto à presença de uma abordagem crítica e reflexiva sobre o tema proposto.

Dos dez textos produzidos por iniciativa do aluno, somente 20% correspondiam a assuntos ligados à comunicação social, e 80% relacionaram-se diretamente ao conteúdo trabalhado na disciplina. Assim, o interesse despertado no aluno para continuar a escrever sobre o conteúdo curricular enriquece sua aprendizagem. E, a partir desse dado, compreendemos que o *blog* potencializa também a autonomia do discente em seu processo de formação. A autonomia é um conceito complexo e multifacetado e adotamos a ideia de Paulo Freire (1998) sobre esse tema. Para ele, a educação libertadora é precedida pelo desenvolvimento da capacidade do estudante em criar suas próprias representações do mundo, sendo capaz ainda de pensar estratégias para resolução de problemas e assim, compreender-se como sujeito da história. Nesse sentido, a autonomia é fundamental para a construção de práticas sociais transformadoras. O desenvolvimento da autonomia requer, portanto, que o aluno aprenda a

estabelecer conexões entre as diferentes dimensões do processo social, político e cultural e assuma, para si, o comprometimento sobre esse aprendizado.

Na nossa pesquisa, identificamos que o *blog* levou os alunos a assumirem para si, parcialmente, a responsabilidade sobre a aprendizagem, já que identificamos que alguns deles usaram seus espaços virtuais para refletirem sobre temas correlatos aos que estávamos trabalhando na disciplina, como foi evidenciado pela figura 03, na qual apresentamos os dez textos produzidos por oito alunos de maneira autônoma.

Quadro 01 – *Posts* autônomos dos alunos.

<i>Blog</i>	Títulos dos Posts
Aluno 1 – The Expedition	Profissionalismo no mundo digital; Dead Fish: Banda bate record em arrecadação coletiva!
Aluno 3 – Pinguim Sertanejo	A publicidade nas redes sociais
Aluno 4 – Comunicadores de Primeira Viagem	Marketing na era da Geração Y
Aluno 5 – Conexão Publicitária	3º encontro de publicidade e propaganda do sudoeste da Bahia; Oba Oba, E Ai, Mídia Alternativa, O Que É Isso?
Aluno 6 – Espaço 201	A evolução da comunicação através do uso das novas tecnologias
Aluno 7 – Linkar	Cultura digital: Um novo olhar sobre o meio digital!
Aluno 9 – Caverna Informacional	Conectividade Em Massa
Aluno 10 – Garota Publicitária.	Conectados na rede!!

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

O sentimento de pertencimento ao *blog*, associado ao interesse pelos assuntos, levou-os à permanência da atualização com a postagem no *blog* durante o semestre, mesmo sem a intervenção docente. Nesse contexto, um dos alunos indica que o *blog* “(...)possibilitou uma abertura de campo intelectual e gerou também desejo e satisfação pelo novo aprendizado”. Os resultados aqui apresentados demonstram o alcance dos objetivos propostos em nossa pesquisa, os quais retomaremos nas nossas considerações finais, a seguir.

5. Considerações finais

Como vimos ao longo deste trabalho, o *blog* já está presente em muitas estratégias de ensino e apresenta importantes contribuições, especialmente para a melhoria da interação do

estudante fora da sala de aula com as temáticas pertinentes à sua formação. No entanto, boa parte das pesquisas científicas que abordam essa temática trazem dados a partir de investigações na educação básica. Pouco se pesquisou, no Brasil, sobre as potencialidades do uso do *blog* em processos pedagógicos no ensino superior. Além disso, pudemos perceber, também, que experiências como a nossa são raras, pois que a maioria dos estudos que almejou identificar o papel do *blog* educativo o fez a partir de *blogs* coletivos ou *blogs* de professores.

A nossa estratégia didática objeto da pesquisa requereu um trabalho e envolvimento maior tanto da professora quanto dos alunos. Com ela constatamos porém que os resultados alcançados conseguiram atender aos objetivos propostos com maior profundidade. Foi nossa intenção contribuir com o universo acadêmico, na medida em que demonstramos as potencialidades que o *blog* possui para o processo de aprendizagem de estudantes de graduação. Além desse objetivo geral, tivemos como objetivos específicos verificar se o uso de *blogs* é capaz de favorecer a autonomia do aprendiz nos alunos, se os *blogs* os aproximam da prática da escrita e, ainda, avaliar a viabilidade do uso de *blogs* em estratégias educativas no Ensino Superior.

Retornando ao nosso problema de pesquisa, qual seja: quais as potencialidades dos *blogs* como ferramentas didático-pedagógicas para o processo de aprendizagem de alunos do ensino superior?, podemos concluir que identificamos, a partir do método para aplicação da experiência, quatro potencialidades para o uso do *blog* em processos educativos: (1) interação; (2) aumento da prática da escrita; (3) melhoria da aprendizagem; (4) estímulo à autonomia.

Entendemos que essas respostas não esgotam as dúvidas. Com este trabalho, novas perguntas surgiram e despertaram em nós — e esperamos que também em nossos leitores — o interesse pela continuidade das pesquisas relacionadas a esse tema. Acreditamos que muitas outras potencialidades podem ser encontradas no uso de *blogs* educativos e somente outras pesquisas poderão apontá-las. Parte delas já foi apresentada em outros trabalhos de pesquisa, mas acreditamos termos dado nossa contribuição nessa seara, tendo, porém, a certeza que ainda há muito o que se investigar.

Cabe enfatizarmos, por último, que o trabalho pedagógico com *blog* traz, além de resultados positivos, desafios para professores e instituições de ensino superior. Da mesma forma que afirmamos que os alunos permanecem mais tempo em contato com a disciplina, e isso aumenta seu envolvimento com os conteúdos curriculares, os professores também são mais requeridos. Para que o *blog* alcance os resultados aqui mencionados, o professor precisa se

desprender da limitação da sala de aula e se disponibilizar ao contato com o aluno e leitura de suas produções textuais em momentos extras ao horário da aula. Isso gera um desafio também institucional, pois como diferenciar a carga-horária de trabalho de um professor que faz uso de TICs em suas disciplinas daqueles professores que mantêm métodos de ensino tradicionais? Atualmente, os professores que têm feito uso de tecnologias digitais como *blogs* ou redes sociais o fazem muito mais pelo comprometimento com a qualidade da educação do que preocupados com a remuneração que receberão, já que a maior parte não será paga financeiramente pelas horas a mais dedicadas ao trabalho. Certamente que, enquanto essa questão não for solucionada, muitos professores não serão despertados ao interesse pelo *blog* ou outras TICs. Um outro desafio diz respeito à própria formação docente. Enquanto os estudantes encontram-se familiarizados com a linguagem hipertextual e seus recursos, parte dos professores não se sente à vontade no ambiente digital. Essa também é uma questão que precisa ser resolvida sob o ponto de vista institucional e governamental, com a criação de programas de formação docente para o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação.

Em suma, nosso interesse é poder contribuir com a melhoria da qualidade da educação superior e apresentar o *blog* como um gênero viável, rico e enriquecedor para as práticas educativas de professores de graduação.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, M. G.; CARVALHO, A. B.. As Concepções de Interatividade nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem. In: SOUSA, R. P.; MIOTA, F. M.C.; CARVALHO, A. B. (Orgs). **Tecnologias Digitais na Educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466**, de 12 de dezembro de 2012. Ministério da Saúde. Trim. 2012. Legislação Federal e marginalia.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. 10 ed. São Paulo, 2004.
- CARVALHO, A. A. A. et al. *Blogue: uma ferramenta com potencialidades pedagógicas em diferentes níveis de ensino*. In: **COLÓQUIO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES**, 7., Braga, Portugal, 2006. Actas... Braga: CIED, 2006. p. 635-652. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/5915>. Acesso em: 12 abril 2015.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIBBONS, M. et al. *The new production of knowledge: the dynamics of science and research in contemporary societies*. London: Sage Publications, 1994.

GOULART, C. Letramento e Novas Tecnologias: Questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.). **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3a Ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

JOHNSON, D. M. **Approaches to research in second language learning**. New York & London: Longman, 1992.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2009.

KOZINETS, R. V. On netnography: initial reflections on consumer research investigations of cyberculture. **Advances in Consumer Research**, v. 25, 1998.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Linearização, Cognição e Referência**: O Desafio do Hipertexto. 1999. Disponível em:

http://web.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso_cambio/17Marcus.pdf

Acesso em: 16 janeiro 2016.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MILLER, C. R. **Gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 1998.

MORAN, J. M. **A Educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. 5 ed. Campinas: Papirus, 2009.

MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Publicações Europa- América, 1996.

NELSON, T. **Literary Machines**. Sausalito: Mindful Press, 1993.

RAMAL, A. C. **Ler e escrever na cultura digital**. 2002. Disponível em: <http://www.revistaconecta.com/destaque/edicao04.htm>. Acesso em: 30 julho de 2015.

RECUERO, R. da C. **Comunidades virtuais no IRC: o caso do #pelotas**. Um estudo sobre a comunicação mediada por computador e as comunidades virtuais. 2003. 165 f.. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003

RIBEIRO, A. E. **Navegar lendo, ler navegando**. 2008. 243 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ROJO, R.; MOURA, E. (Org.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola: 2012.

SANTAELLA, L.. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. Editora Paulus. São Paulo, 2003.

SANTOS, E. Formação de professores e cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, v. 11, n. 17, p. 113-122, jan./jun., 2002.

SILVA, L. S. da. **O blog e autonomia no ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira**. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2009.

SOARES, E. M. do S.; ALMEIDA, C. Z. **Interface gráfica e mediação pedagógica em ambientes virtuais: algumas considerações**. 2005. Disponível em: http://ccet.ucs.br/pos/especializa/ceie/ambiente/disciplinas/pge0946/material/biblioteca/sacramento_zamboni_conahpa_2005.pdf. Acesso em: 15 março 2016.

TEIXEIRA, D. de O.; MOURA, E. Chapeuzinho Vermelho na cibercultura: Por uma Educação Linguística com Multiletramentos. In: ROXO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola: 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

XAVIER, A. C. dos S. **Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. 2002. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

XAVIER, A. C. dos S. **Letramento Digital e Ensino**. 2007a. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: 28 Agosto 2013.

XAVIER, A. C. dos S. As Tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no Século XXI. **Revista Hipertextus**, Volume 1, 2007b. Disponível em: <http://hipertextus.net/volume1/artigo-xavier.pdf> Acesso em: 25 fevereiro 2016.

Artigo recebido em: 12.01.2017

Artigo aprovado em: 28.03.2017